

ERICO VERISSIMO

# CAMINHOS CRUZADOS

*Apresentação*  
Antonio Candido

*Prefácio*  
Moacyr Scliar



Copyright © 2005 by Herdeiros de Erico Verissimo

*Texto fixado pelo Acervo Literário de Erico Verissimo (PUC-RS) com base na edição princeps, sob coordenação de Maria da Glória Bordini.*

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Capa*

Jeff Fisher

*Supervisão editorial e textos finais*

Flávio Aguiar

*Estabelecimento do texto*

Maria da Glória Bordini

Cristiana Bergamaschi

*Preparação*

Maria Cecília Caropreso

*Revisão*

Renato Potenza Rodrigues

Larissa Lino Barbosa

*Atualização ortográfica*

Página Viva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Verissimo, Erico, 1905-1975

Caminhos cruzados / Erico Verissimo ; apresentação Antonio Cândido ; prefácio Moacyr Scliar. — 1<sup>a</sup> ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2016.

ISBN 978-85-359-2671-2

I. Romance brasileiro I. Cândido, Antonio. II. Scliar, Moacyr.  
III. Título.

---

15-10552

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.3

2016

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompahia.com.br](http://www.blogdacompahia.com.br)

# SUMÁRIO

Apresentação — Antonio Candido 7

Prefácio — Moacyr Scliar 13

Prefácio do autor 18

Sábado 23

Domingo 135

Segunda-feira 191

Terça-feira 241

Quarta-feira 295

Crônica literária 349

Crônica biográfica 355

Sobre o autor 359

SÁBADO

# 1

Madrugada — a cerração empresta à Travessa das Acáias um mistério de cidade submersa. A ruazinha de subúrbio se desfigura. A luz dos combustores, que a névoa embaça, sugere vagos monstros submarinos. As árvores que debruam as calçadas são como blocos compactos de algas. Todas as formas parecem diluídas.

Cinco horas da manhã.

Que peixe estranho é aquele que lá vem?

A carroça do padeiro passa estrondando, fazendo tremer a quietude da cidade afundada; mas um instante depois o seu vulto e o seu ruído se dissolvem de novo na cerração.

O silêncio torna a cair sobre o fundo do mar.

Agora nas fachadas escuras começam a brotar olhos quadrados e luminosos. D. Veva acendeu o lampião e vai acordar o marido, que tem de tomar o primeiro bonde. No mercadinho de frutas, Said Maluf abre a porta dos fundos para apanhar a garrafa do leite. Na casa do alfaiate espanhol chora o filho mais moço. Na meia-água vizinha, o cap. Mota toma chimarrão na varanda, em mangas de camisa (está fazendo frio, mas não se deve quebrar um hábito de vinte anos). Fiorello já abriu a sapataria e, enquanto ferve a água para o café, o italiano bate sola, bate sola, bate sola; na litogravura da folhinha, na parede, Mussolini, em cima do seu cavalo, berra marcialmente: “*Camicie nere!*”.

Um trem apita. Um galo canta.

Quase invisível dentro da névoa, um gato cinzento passeia sobre o telhado da casa da viúva Mendonça. Debaixo desse telhado fica o quarto do prof. Clarimundo. A umidade desenha

figuras indecifráveis nas paredes caiadas. Em cima da mesa de pinho — de mistura com os restos da merenda da noite — vê-se um papel cheio dos rabiscos com que o professor tentou inutilmente meter na cabeça do sapateiro Fiorello noções da Relatividade de Einstein. Um despertador niquelado está dizendo tique-taque, tique-taque com a voz dura e regular. A cabeça descansando no travesseiro de fronha grosseira, o prof. Clarimundo Roxo dorme de ventre para o ar, ronca e bufá, procurando uma sincronia impossível com o tique-taque do relógio. A cada bufido, voam-lhe as falripas do bigode.

Um rato mete a cabeça para fora dum buraco do rodapé. Espia, fica parado por alguns segundos e depois deita a correr, sobe pela perna da cadeira, chega ao assento de palhinha, detém-se um segundo e em seguida continua a subir pela guarda, salta para cima da mesa e avança sobre os restos da merenda. Queijo e pão. O seu rabinho fino se confunde com os riscos do papel.

Os roncos do professor e o tique-taque do relógio prosseguem no seu concerto. Estrala uma viga no teto. Lá fora mia o gato madrugador. O professor se remexe, a cama guincha, o rato se assusta e foge para o buraco.

Dentro dessas quatro paredes, desse pequeno mundo tridimensional cabe agora o mundo infinitamente mais vasto dentro do qual o prof. Clarimundo anda perdido.

Uma extensão verde e plana como a dos campos da fronteira onde ele passou a primeira infância. Clarimundo corre, aflito, porque um touro vermelho o persegue, bufando. As suas pernas pesam como chumbo. Ele quer gritar, pedir socorro, mas a voz lhe falta. O touro se aproxima, Clarimundo já sente na nuca o seu bafo quente e úmido. Por fim consegue arrancar da garganta algumas palavras: “Acudam! Ataquem o touro! Socorro!”. Mas as palavras lhe saem da boca em símbolos matemáticos. Passam perto tropeiros a cavalo. Olham e parecem não enxergar... Clarimundo continua a gritar, mas ninguém o entende. O touro o alcança e, cheio de pavor, Clarimundo sente no sexo (estranho, pois o touro vinha por trás) uma dor dilacerante. As aspas pontudas lhe rasgam as carnes, o sangue começa a escor-

rer e Clarimundo sente um desfalecimento mortal e inexplicavelmente cheio de gozo. De súbito a paisagem se transforma. Agora ele está nas montanhas nevadas da Suíça, passeando com Einstein, de braços dados, numa grande intimidade. Tenta em vão explicar ao sábio a Teoria da Relatividade. Fala, gesticula, risca sinais complicados na neve, grita, ameaça até, mas Einstein sacode a cabeça negativamente. Ao mesmo tempo Einstein não é mais Einstein, mas sim o sapateiro Fiorello...

A paisagem branca se estende a perder de vista. Lá no horizonte longínquo, uma casa. Clarimundo sabe que dentro dela encontrará luz, calor, aconchego e pão. Está com fome, com frio e sozinho, pois todos os homens do mundo o abandonaram na solidão branca. E ele caminha, caminha... Mas à medida que avança a casa vai recuando.

Agora não é mais a paisagem suíça. Clarimundo anda flutuando no éter, viajando pelo infinito.

(No outro mundo, no de quatro paredes, o despertador continua a tiquetaquear. O rato tenta uma nova incursão. O armário range. O rato recua.)

Clarimundo continua a vagar pelo espaço sem limites.

(O despertador começa a tilintar.)

Que ruído será este, tão longínquo e misterioso? Deve ser a tão falada música das esferas...

Clarimundo se deixa ir ao sabor das ondas, porque agora ele boia à superfície do Pacífico. A música cresce de intensidade, mas à medida que aumenta vai perdendo a melodia até ganhar a evidência dum sinal de alarme.

O professor aos poucos abre os olhos. Por um instante, emergindo das profundezas do sonho, fica pairando numa região de lusco-fusco, entre os dois mundos.

O relógio continua a tilintar.

Cinco segundos. O milagre acontece: o infinito é devorado pelo finito: o mundo ilimitado do sonho desaparece dentro do mundinho de quatro paredes que o despertador enche com sua voz metálica.

Clarimundo desperta. Lança um olhar torvo para o reló-

gio. Cinco e meia. Com alguma relutância joga as pernas para fora da cama, com o camisolão de dormir sungado até as coxas. O contato do chão frio na sola dos pés é um novo chamado à realidade. Clarimundo se ergue, coçando a cabeça, olha em torno, estremunhado, como quem não sabe ainda onde se acha. Ainda estonteado, acende a luz e faz calar o despertador.

Vai ao lavatório de ferro, embranca o jarro sobre a bacia e a água fria apaga o último vestígio do outro mundo. Clarimundo coordena ideias: *sábado, francês para a filha do cel. Pedrosa, matemática e latim no curso noturno e...* — com as mãos suspensas, úmidas, pingando, aproxima-se para o horário que está colado à parede — ... *português para o filho do desembargador Floriano. Bom.*

Veste-se. Alisa a franja eriçada: o pente se emaranha e verga na maçaroca dos cabelos. O espelho de moldurinha dourada reflete uma cara amassada, de barba azulando, olhos mansos de criança, o tufo agressivo do bigode negrejando abaixo do nariz curto.

Clirimundo ajusta os óculos e, religiosamente, como tem feito todas as manhãs de sua vida, vai ao calendário arrancar a folhinha.

Sorri. Sorri porque sabe que o Tempo realmente não é o que a viúva Mendonça ou o sapateiro Fiorello pensam...

Existirá mesmo o Tempo? Como foi que disse Laplace? “*Le temps est pour nous*” (Clirimundo pronuncia mentalmente as palavras, com um refinamento inocentemente pedante) “*l'impression qui laisse dans la mémoire une suite d'événements dont nous sommes certains que l'existence a été successive.*” Vinte e dois séculos antes, Aristóteles tinha afirmado quase a mesma coisa. Engraçado... (Clirimundo olha da folhinha para o relógio.) A gente vive escravizada ao Tempo. Ele, por exemplo... Vivia assombrado pelo relógio e pelo horário. Se chega dois minutos atrasado para uma aula, entra, os olhos no chão e um sentimento de culpa que o perturba e humilha. No entanto, pensando bem, que é o Tempo? Homero só admitia duas divisões do Tempo: a manhã e a tarde. Assim mesmo escreveu a *Ilíada*. E

ele, Clarimundo, o homem do relógio, o escravo fiel das horas, que fez nos seus quarenta e oito anos de vida? Preparou espíritos, estudou e compreendeu Einstein, escreveu artigos para jornais, notas sobre filosofia, matemática, física e astronomia recreativa... E, por falar em astronomia recreativa, estão ali na gaveta da mesa as notas para o seu futuro livro, para a *sua obra*. Clarimundo pensa nela com carinho. Vai ser um trabalho grande e sólido em que há de pôr todo o seu talento, toda a sua cultura. Será como que a coroa dourada de sua vida de solteirão solitário. Nesse livro de fundo científico, fazendo uma concessão magnânima à fauna representada pela viúva Mendonça e pelo sapateiro Fiorello, ele respingará aqui e ali algumas gotinhas de fantasia.

Pensando nisso, o professor sorri com a condescendência dum gigante truculento que resolve uma vez na vida ser amável para com as crianças.

Mas enfim os ponteiros se movem, os minutos passam e a gente não pode ficar uma hora inteira assim a revirar entre os dedos a folhinha e a pensar na vida...

Clirimundo acende o fogareiro Primus e põe sobre ele a chaleira d'água.

Esfregando as mãos numa antecipação feliz, como um homem prestes a saborear o seu prato predileto, senta-se à mesa e abre um livro. Como de costume: quarenta minutos rigorosos de leitura.

ÜBER DIE SPEZIELLE UND DIE ALLGEMEINE  
RELATIVITÄTS-THEORIE GEMEINVERSTÄDLICH,  
VON A. EINSTEIN.

O espírito do professor monta na vassoura mágica e vai fazer uma excursão pelo país das maravilhas.

Outra vez os dois mundos: o infinito dentro do finito.

No mundo menor o fogareiro, com o seu chiar grosso e contínuo, canta um dueto com o relógio.